

**MARX E O “CARÁTER DE FETICHE/FEITIÇO”: OMISSÕES E EQUÍVOCOS. DE UMA TRIPLA DEFINIÇÃO A UMA CRÍTICA A ADORNO\***

**MARX AND THE “FETISH/FEITIÇO CHARACTER”: OMISSIONS AND MISUNDERSTANDINGS. FROM A TRIPLE DEFINITION TO A CRITICISM OF ADORNO**

*Paulo Fernando Rocha Antunes\**

Recebido em: 05/2019

Aprovado em: 06/2019

**Resumo:** O presente texto recupera sumariamente o que se entende por tripla definição de “fetichismo” (ou “feiticismo”) e procura proceder à sua circunscrição e distinção. Apesar de um pano de fundo abrangente, é na maneira como Marx definiu o conceito que nos vamos debruçar mais detalhadamente. Neste sentido, pretende-se salientar o que de distinto, mas também enriquecedor, existe na definição em questão, da maneira como foi compreendida pelo alemão, e como por vezes foi, e é, sujeita a omissões, bem como a entendimentos equivocados (o exemplo privilegiado de um destes entendimentos recairá sobre Adorno). Para que se compreenda com maior propriedade a necessidade de se voltar a escrever sobre um tema tão debatido, mormente com Marx como mote, observar-se-ão *en passant* três dicionários – devendo-se reter que os dicionários em questão omitem a definição dialética de âmbito económico –, e proceder-se-á ao confronto com outras duas definições (antropológica e psicológica).

**Palavras-chave:** Definição antropológica; Definição dialética; Definição psicológica; Feiticismo; Fetichismo.

**Abstract:** The present text summarily recovers what is understood as a triple definition of “fetishism” (or “feiticismo”) and seeks to proceed to its circumscription and distinction. In spite of a comprehensive background, is in the way that Marx defined the concept in which we are going to go into more detail. In this sense, it is intended to emphasize what is different in the definition in question, but enriching for the same, in the way it was understood by the German, and how it has sometimes been and is subject to omissions, as well as to misunderstandings (the privileged example of one of these misunderstandings will fall upon Adorno). In order to understand more accurately the need to rewrite on a theme so rebutted, especially with Marx as a motto, three dictionaries will be used *en passant* – it should be retained that the dictionaries in question omit the dialectical definition of economic scope –, and other two definitions (anthropological and psychological) will be confronted.

**Keywords:** Anthropological definition; Dialectic definition; Psychological definition; Feiticismo; Fetishism.

---

\* Doutorando em Filosofia Política Contemporânea pelo Programa de pós-graduação da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL). Bolseiro da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), apoiado pelo orçamento comunitário através do FSE. Membro do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa (CFUL), integrado no Grupo de investigação PRAXIS e Núcleo de Estudos Políticos da Universidade de Lisboa (nepUL). Membro do Grupo de Estudos Marxistas (GEM). Contacto: [pauloantunes@campus.ul.pt](mailto:pauloantunes@campus.ul.pt).

*Dagegen hat die Warenform und das Wertverhältnis der Arbeitsprodukte, worin sie sich darstellt, mit ihrer physischen Natur und den daraus entspringenden dinglichen Beziehungen absolut nichts zu schaffen. Es ist nur das bestimmte gesellschaftliche Verhältnis der Menschen selbst, welches hier für sie die phantasmagorische Form eines Verhältnisses von Dingen annimmt. Um daher eine Analogie zu finden, müssen wir in die Nebelregion der religiösen Welt flüchten. Hier scheinen die Produkte des menschlichen Kopfes mit eignem Leben begabte, untereinander und mit den Menschen in Verhältnis stehende selbständige Gestalten. So in der Warenwelt die Produkte der menschlichen Hand. Dies nenne ich den Fetischismus, der den Arbeitsprodukten anklebt, sobald sie als Waren produziert werden, und der daher von der Warenproduktion unzertrennlich ist. (MARX, 1867: 86-87).*

## Introdução

O presente texto recupera sumariamente o que se entende por tripla definição de “fetichismo” ou “feiticismo” (no final veremos como melhor adequar estes termos) e procura proceder à sua circunscrição e distinção.

Apesar de um pano de fundo mais geral, é na maneira como Karl Marx (1818-1883) definiu o conceito em que nos vamos debruçar mais detalhadamente. O autor desenvolve o conceito completo – “caráter de fetiche da mercadoria” (*Fetischcharakter der Ware*), abreviado para “fetichismo (ou fetiche) da mercadoria” – já numa fase avançada da sua maturidade teórica, fá-lo em *Das Kapital* (1867), no 1.º capítulo, mais precisamente, no seu 4.º e último ponto: *O caráter de fetiche da mercadoria e o seu segredo (Der Fetischcharakter der Ware und sein Geheimnis*, 1867: 85-98)<sup>1</sup>.

A partir daí pretendemos examinar o que de distinto, mas também enriquecedor, existe na definição em questão, da maneira como foi compreendida pelo alemão – a saber, recuperada para um âmbito económico –, e como por vezes foi, e é, sujeita a omissões, bem como a entendimentos equivocados<sup>2</sup>.

<sup>1</sup> Tenha-se em conta que Marx lança *Das Kapital* em 1867, mas é na sua 2.ª edição alemã de 1872 (mas também na 1.ª edição francesa, 1872-1875) que vai apresentar uma versão reformulada e aumentada do que entendia por “fetichismo da mercadoria”. Estando este, ainda, no capítulo que é conhecido como o de mais difícil penetração em toda a obra, como afirma o próprio Marx (cf. 1867: 11-12). A título de precisão, optámos por não deixar de identificar a obra com o ano do seu primeiro lançamento, apesar de estarmos a utilizar, como consultável nas referências bibliográficas, uma edição que já contém as referidas alterações (fizemos o mesmo para o Livro III).

<sup>2</sup> Note-se, desde já, que quanto à relevância concetual do “caráter de fetiche” na teoria geral de Marx e em particular em *Das Kapital*, não acompanhamos, por exemplo, Karl Korsch (1886-1961), especialmente quando este autor afirma que é este o núcleo marxista de toda a crítica à *economia política* (cf. nota 15), a quintessência (*quintessence*) da teoria económica em *Das Kapital* e o ponto de vista teórico e histórico de toda a ciência materialista da sociedade (cf. KORSCH. 1938: 96). O nosso entendimento é outro (cf. nota 36). Apesar de tudo, cremos que a compreensão deste conceito seja fundamental para um melhor e mais abrangente contato com a conceção materialista da história de Marx e Friedrich Engels (1820-1895). Korsch seguia provavelmente na esteira de György Lukács (1885-1971) e de Isaak Illich Rubin (1886-1937). O primeiro terá sido pioneiro na recuperação do “caráter de fetiche” (cf. LUKÁCS, 1923: 257 ss.) extraíndo daí a reificação (*Verdinglichung*); o segundo

Julgamos que as omissões e os entendimentos equivocados permitem compreender a necessidade de se voltar a escrever sobre um tema tão rebatido <sup>3</sup>.

Desde já, quanto a omissões, observemos *en passant* três dicionários de língua portuguesa (uma vez que a origem da palavra remonta ao português, como mais à frente se irá constatar). Com esta parca seleção pretendemos que a mostra não se torne fastidiosa ou demasiado comprida.

Em primeiro lugar, vejamos dois dos dicionários mais consultados via *online* – o *Priberam* e o *Dicionário Online de Português* –, estes referem-se a “fetichismo” como:

1. Culto e prática de feitiços. = Feiticismo; 2. Culto ou adoração a uma pessoa ou a uma ideia. = Feiticismo; 3. Interesse sexual por fetiches. (2008-2013); e, Culto aos objetos tidos como poderosos ou sobrenaturais. Adoração a objetos que representam entidades (santos). Culto a objetos que estão associados à magia. *Figurado*: Admiração mórbida; veneração, feiticismo. *Psicologia/Patologia*: Excesso de interesse sexual por objetos ou partes específicas do corpo humano. (2009-2018).

Em segundo lugar, vejamos o conceituado *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, este refere-se a “fetichismo” da seguinte maneira:

1. Culto dos objetos que se supõe representarem entidades espirituais e possuírem poderes de magia; 2. *p. ext.* admiração exagerada, irrestrita, incondicional por uma pessoa ou coisa; veneração; 2.1 *Psicop.* Desvio do interesse sexual para algumas partes do corpo do parceiro, para alguma função fisiológica ou para peças de vestuário, adorno, etc. (2005: 3828).

Todos estes dicionários têm em comum – além de remeterem a palavra “fetichismo” para a sinonímia com “feiticismo” – tratar em exclusivo duas definições do conceito: a de âmbito religioso, entendendo-se o fetiche essencialmente como resultado de uma etapa mais “primitiva” da sociedade; e, a de âmbito sexual, entendendo-se o fetiche como uma questão

---

recuperava-o com o objetivo de tratar com maior detalhe a “teoria do valor” de Marx (cf. RUBIN, 1924: 17 ss.); ambos coincidindo na presunção de que o fetichismo da mercadoria era o marco da crítica marxista da economia. <sup>3</sup> A título de exemplo, recordam-se algumas obras em que se aborda o “fetichismo” com alguma profundidade, fiquemos-nos apenas por alguns autores que partem de Marx ou pelo menos o têm em consideração quanto a este tema: ANTUNES, 2018; COHEN, 1978: 115-133 (autor que chega mesmo a utilizar a expressão: “fetichismo económico”, *economic fetishism*); NETTO, 1981; PIETZ, 1985;1987; IACONO, 1992; MILIOS *et al*, 2002: 67-108; BÖHME, 2006: 223-295; BARATA-MOURA, 2016: 352-362; e, STAROSTA, 2016: 141-195. Não obstante, note-se que a bibliografia sobre este tema é imensa, a sua discussão disparou a partir dos anos 50 do século XX e tornou-se particularmente profícua nos anos 70, registando então cerca de trezentos autores a trabalhar, por exemplo, a reificação (cf. NETTO, 1981: 11, 17).

“patológica”<sup>4</sup>. Entre outras coisas, o que se deve reter é que os dicionários em questão omitem a definição de âmbito económico. Compete-nos, portanto, proceder à sua circunscrição, comparação e distinção.

Apesar do triplo foco apresentado, nada disto quer dizer que não existam outros âmbitos que cubram o termo “fetichismo” além destes; no entanto, como julgamos vir a demonstrar lateralmente, apresentam-se na maior parte das vezes como derivados das três definições enunciadas.

Uma vez confrontadas as três definições, pretende-se ilustrar os entendimentos equivocados a partir de um texto clássico de Theodor W. Adorno (1903-1969), o que deverá servir como exemplo de um equívoco paradigmático quanto à interpretação da definição de Marx<sup>5</sup>.

### **De Brosses e Freud: os âmbitos religioso e sexual de “fetichismo”**

Antes de passarmos ao modo como Marx definiu o “caráter de fetiche”, examinemos os outros dois âmbitos.

Foi o autor francês e iluminista Charles de Brosses (1709-1777) – membro da *Académie des Inscriptions et Belle-Lettres* de Paris e colaborador da *Encyclopédie, ou dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers* (1772) –, quem, ao compilar e sumariar as informações contidas nos diários de viagem, de vários capitães, desde o século XVI (cf. IACONO, 1992: 39-40), cunhou o termo “fetiche” (*fétiche*) em 1756<sup>6</sup>.

Mas foi em 1760 com a sua obra mais célebre – *Du Culte des Dieux Fétiches, ou Parallèle de l’ancienne Religion de l’Egypte avec la Religion actuelle de Nigritie* –, que De

---

<sup>4</sup> O segundo e o terceiro dicionários também consideram uma terceira variante, a de uma extrema parcialidade por parte de um sujeito; não obstante, esta variante pouco tem que ver com o alcance do nosso texto e é por nós considerada em ligação com a “veneração”.

<sup>5</sup> Ao contrário de Alfred C. Haddon (1855-1940) que em 1906 se queixava da perda de cientificidade do termo por causa da diversidade de direções tomada para este (cf. HADDON, 1906: 64), ou de Robert Sutherland Rattray (1881-1938) que afirmava em 1923 que o uso indiscriminado da palavra fetiche já tinha causado dano infinito (*infinite harm*) por ser usado para qualquer coisa que se parecesse com um “encantamento” quando este devia ser uma questão mais específica da cultura axânti (cf. RATTRAY, 1923: 90), entendemos que esta diversidade não contradiz a cientificidade do conceito e que a perda desta apenas se encontra na confusão dos seus diferentes âmbitos. Aqui encontramos-nos mais próximos a William Pietz (1951-), autor que afirma que apesar de um uso indiscriminado do termo é na sua interdisciplinaridade que reside o seu interesse (cf. PIETZ, 1985: 5). No entanto, pouco coincidimos com a sua visão acerca de Marx, porquanto este autor o encosta demasiado às outras duas definições.

<sup>6</sup> Como se indica, apesar da sua cunhagem setecentista, elaborações semelhantes, ainda que pouco refletidas, podem ser rastreadas nos séculos precedentes (cf. PIETZ, 1985: 5; 1987). Ainda antes, o termo já se apresentava com vista a designar *o culto praticado por aqueles que veneram certos objetos*, por exemplo, pedras, troncos, etc.

Brosses confirmou a primeira definição de “fetiche”, a de âmbito religioso.

Nesta obra, o iluminista francês reconhecia igualmente a origem portuguesa do termo. Este termo provinha da palavra *Fetisso*, que significava *coisa feita, encantada, divina*, do latim, *Fatum, Fanum, Fari* <sup>7</sup>. Na verdade, o termo terá surgido de uma forma passiva do latim *facticius*, significando *feito pela arte, artificial* e aplicado provavelmente a amuletos, imagens e ídolos (cf. HADDON, 1906: 67) e a maneira como passou a ser grafado corresponderá ao seu afrancesamento (cf. BARATA-MOURA, 2016: 354).

Em *Du Culte des Dieux Fétiches* De Brosses não evita os *preconceitos* da sua época, imbuído de uma *superioridade* iluminista e ao mesmo tempo cristã, cria estar perante níveis de religiosidade inferiores, mesmo *primitivos*, aos da Europa Ocidental quando se deparou com a realidade da costa ocidental africana – que viria a ser tida como a localização geográfica do “fetiche” *par excellence*.

Esta adoração, veneração, por um determinado objeto – que é *feito*, mesmo quando *encontrado* ou *transacionado*, e adorado (não necessariamente como a um ídolo) –, foi descrita pelo autor da seguinte maneira:

Estes fetiches divinos [*Fétiches divins*] não são senão o primeiro objeto material que agrada a cada nação ou indivíduo escolher e consagrar em cerimónia pelos seus sacerdotes: é uma árvore, uma montanha, o mar, um pedaço de madeira, uma cauda de leão, uma pedra, uma concha, sal, um peixe, uma planta, uma flor, um animal de certo tipo, como vaca, cabra, elefante, ovelha; finalmente, tudo o que pode ser imaginado assim <sup>8</sup>.

Desta maneira se firmava a definição que faria escola nas décadas seguintes, traduzida para diversas línguas – por exemplo, para alemão, ainda em 1785, por Christian Pistorius (1765-

---

<sup>7</sup> Já Haddon (insistimos em recuperar este autor já datado porque foi um dos mais conceituados autores a tratar com sistematicidade este tema, já se encontrando pública a abordagem de Marx e sendo contemporâneo de Freud), quase um século e meio mais tarde, e depois de se referir à origem humilde (*humble origin*) do termo na sua terra nativa – Portugal – com vista a designar “os encantos e os amuletos da sorte”, não encontrou problemas em utilizar a palavra em português, esclarecendo a corruptela linguística: «A palavra fetiche deriva do português *feitiço* do latim *facticius – facere = fazer*.» - «The word fetish is derived through the Portuguese *feitiço* from the Latin *facticius – facere = to do*.» (HADDON, 1906: 66). E, ainda antes, um autor que Marx conheceria muito bem, também o grafaria de modo correto, trata-se de Georg W. F. Hegel (1770-1831): «Este é o fetiche [*Fetisch*], uma palavra que o português circulou e que deriva de *feitiço*, feitiçaria.» - «Dies ist der Fetisch, ein wort, welches die Portugiesen zuerst in Umlauf gebracht und welches von *feitiço*, zauberei, abstammt.» (HEGEL, 1837: 123). Para um mais detalhado conhecimento das origens do conceito e do tratamento do termo, cf. PIETZ, 1987.

<sup>8</sup> «Ces Fétiches divins ne sont autre chose que le premier objet matériel qu’il plaît à chaque nation ou à chaque particulier de choisir et de faire consacrer en cérémonie par ses Prêtres: c’est un arbre, une montagne, la mer, un morceau de bois, une queue de lion, un caillou, une coquille, du sel, un poisson, une plante, une fleur, un animal d’une certaine espèce, comme vache, chèvre, éléphant, mouton; enfin tout ce qu’on peut s’imaginer de pareil.» (DE BROSSES, 1760: 15).

1823) –, e que entraria pelo século XIX adentro, ficando o termo “fetiche” em vez de “feitiço” (em raras ocasiões recordando-se a sua origem etimológica) <sup>9</sup>.

Esta definição, que é captada pelo âmbito de uma crítica da religião (primitiva), acaba por corresponder, na verdade, a uma definição antropológica de “fetichismo”, uma vez que assenta no entendimento (além disso, *especulativo* sobre aspetos potencialmente *universais* do ser humano) de uma *expressão humana* de tipo primitivo, que *animava* objetos reais com poderes imaginários.

Deste modo, a definição de “fetichismo” sustentada por De Brosses – com base na experiência iluminista – corresponde a uma exteriorização (*projeção*) de qualidades humanas em objetos (*substituição*), mas também a uma dimensão subjetiva, porquanto considera um patamar de *crença*, além de “escolha” – “o primeiro objeto material que agrada a cada nação ou indivíduo *escolher*” –, quer apenas de um só sujeito, como, até certo ponto, de significado intersubjetivo (o que, por sinal, pode ser o mesmo que subjetivo *coletivamente* aceite).

Adiante.

Com Sigmund Freud (1856-1939) completamos a definição que nos é sugerida por cada um dos três dicionários consultados, dado que ao definir “fetichismo” todos estes insistiram na ideia de que, por um lado, se trata da *veneração de um objeto*, etc., e, por outro, se trata da *adoração exacerbada e doentia por uma parte do corpo*, etc.

Com o psicanalista, o “fetiche” assume de vez o significado pelo qual é mais conhecido hoje em dia – atingindo inclusive o patamar de um “senso comum” –, o do seu âmbito sexual-patológico.

Freud procurou identificar alguns comportamentos sexuais que podiam ser considerados como inadequados. Pode-se dizer que da mesma maneira que De Brosses partia de uma religião superior, Freud partia de um comportamento sexual considerado saudável com vista a identificar as, por ele chamadas, “aberrações da pulsão sexual” (*Abirrungen des Sexualtriebes*, cf. FREUD, 1905: 52).

Vejamos como o autor retratou tal foro sexual numa passagem do seu emblemático texto sobre o “fetichismo” – “Substituição inapropriada de objeto sexual – Fetichismo”

---

<sup>9</sup> Todavia, o âmbito religioso não se fica apenas pela contemplação do objeto como fim em si, por exemplo, Haddon, entre outros, entendia – na esteira de Edward Burnett Tylor (1832-1917), autor que escrevia acerca do *animismo* –, que o “fetichismo” não se podia ficar pelo simplismo da relação de veneração direta entre o(s) sujeitos(s) e o objeto de veneração, mas que devia definir, com maior rigor, a ligação entre o adorador e o espírito adorado que se fazia, então, por intermédio do tal objeto (cf. HADDON, 1906: 70 ss.). Mas podia haver aqui um equívoco no autor, pois que se deve distinguir a idolatria – adoração de um objeto que se esgota nessa relação – do fetiche que visa atingir de modo instrumental um efeito material (*material effect*, cf. PIETZ, 1987: 36-37).

(*Ungeeigneter Ersatz de sexual-objektes – Fetischismus*, 1905):

O substituto [*Ersatz*] do objeto sexual é uma parte do corpo (os pés, os cabelos), que geralmente é muito pouco apropriada para fins sexuais, ou então um objeto inanimado que está numa relação demonstrável com a pessoa a quem substitui, de preferência com a sexualidade dela (uma peça de vestuário, uma peça íntima). Este substituto não é injustificadamente comparado com o fetiche [*Fetisch*] em que o selvagem vê o seu deus encarnado [*Gott verkörpert*]<sup>10</sup>.

Desta vez, não somos nós quem estabelece uma relação direta entre a perspectiva de Freud e a de De Brosses, é o próprio.

Pode-se avançar, inclusive, que ambos coincidem na ideia de “substituição”; no primeiro caso, substitui-se uma situação mundana, por assim dizer, por via da crença (e/ou escolha), por uma situação de relação fantasiosa, mágica; e, no segundo caso, substitui-se uma situação de desejo sexual apropriado (porém, reprimido) por um objeto de desejo inapropriado para o efeito.

E coincidem igualmente na “projeção”, uma vez que é o sujeito que projeta no objeto a sua crença, por um lado, e o seu desejo, por outro, ou seja, quer à conta de uma “infantilidade da consciência” como à conta de uma “pulsão inapropriada”.

Desta maneira, o “fetiche” visto a partir da perspectiva freudiana abrange igualmente uma dimensão subjetiva, mas agora, como enunciado, por via dos *desejos* de cada sujeito em relação a um determinado objeto e não por via das suas crenças (imaginárias) sobre este.

No entanto, apesar da analogia e das semelhanças, os dois âmbitos representam definições distintas do que é o “fetichismo”. Se em De Brosses encontrámos os fundamentos para a definição antropológica de “fetichismo”, agora, em Freud, encontramos os fundamentos para a sua definição psicológica.

Entenda-se, a projeção freudiana é psicológica uma vez que terá que ver, não com um entendimento (lembre-se, *especulativo* sobre aspetos potencialmente *universais* do ser humano) acerca de uma *expressão humana* (embora, no limite, também pudesse ser entendida por esse prisma), mas com o subconsciente (em rigor, com o reprimido sexualmente) de cada sujeito.

---

<sup>10</sup> «Der Ersatz für das Sexualobjekt ist ein im allgemeinen für sexuelle Zwecke sehr wenig geeigneter Körperteil (Fuß, Haar) oder ein unbelebtes Objekt, welches in nachweisbarer Relation mit der Sexualperson, am besten mit der Sexualität derselben, steht. (Stücke der Kleidung, weiße Wäsche.) Dieser Ersatz wird nicht mit Unrecht mit dem Fetisch verglichen, in dem der Wilde seinen Gott verkörpert sieht.» (FREUD, 1905: 52).

## Marx: uma primeira abordagem, Das Kapital e o âmbito económico

Como se sabe, o “fetichismo” entendido no âmbito de uma crítica da religião não era ignorado por Marx, existem nos seus cadernos (de Bona) extratos e notas de leitura da obra de De Brosses, bem como na sua época já se utilizava o termo para caracterizar a religião no geral e não somente do ponto de vista de uma suposta etapa superior desta (cf. BARATA-MOURA, 2013: 178-179 n.).

Se os objetos de adoração “não são senão o primeiro objeto (retire-se a adjetivação “material”) que agrada a cada nação ou indivíduo escolher”, por que motivo não haveria de ser “fetiche” a *projeção* da ideia de um Deus monoteísta? <sup>11</sup>.

É, pois, possível encontrar nos textos de juventude de Marx referências ao termo (ainda que mais num sentido político do que económico), desde os primeiros artigos em jornais aos *Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844* a outros textos mais próximos de *Das Kapital*, como, por exemplo, as *Theorien über den Mehrwert* (1862-1863) <sup>12</sup>.

Mas, em quase todas estas referências, Marx mantém-se mais próximo ao âmbito original do que o que seguramente pretendia, não porque aborde o “fetichismo” no sentido de uma veneração de tipo primitivo a um objeto, mas porque, não apenas mantém em alguns casos a analogia com a religião (como ainda fará em *Das Kapital*, mais à frente veremos como), como não se afasta o suficiente de um certo “antropologismo” e “subjetivismo”.

Tomemos para exemplo uma passagem dos *Manuskripte*:

Assim como na religião a auto-atividade [*Selbsttätigkeit*] da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos opera independentemente do indivíduo, isto é, como uma atividade estranha [*fremde*], divina ou demoníaca, assim também a atividade do trabalhador não é a sua auto-atividade. Ela pertence a outro, é a perda de si próprio <sup>13</sup>.

<sup>11</sup> À época, outra postura (antropológica) tornara-se quase impossível depois de *Das Wesen des Christentums* (1841) de Ludwig Feuerbach (1804-1872).

<sup>12</sup> É nosso entendimento de que no seu principal escrito em crítica a Pierre-Joseph Proudhon (1809-1865) – *Misère de la philosophie: Réponse à la Philosophie de la misère de M. Proudhon* (1847) – já se podem encontrar indiciadas algumas pistas para a compreensão de uma crítica a qualquer autor que labore teoricamente em “fetiche” (cf. BARATA-MOURA, 2018). A esta obra não terá escapado a dimensão de “coisificação” das relações sociais seguida pelos economistas políticos, o que permitiu mais tarde a Marx afinar a sua definição. Por exemplo, adverte o autor: «A moeda não é uma coisa, é uma relação social. [...] esta relação corresponde a um modo de produção determinado, nem mais nem menos que a troca individual.» - «La monnaie, ce n'est pas une chose, c'est un rapport social. [...] et que ce rapport correspond à un mode de production déterminé, ni plus ni moins que l'échange individuel.» (MARX, 1847: 377).

<sup>13</sup> «Wie in der Religion die Selbsttätigkeit der menschlichen Phantasie, des menschlichen Hirns und des menschlichen Herzens unabhängig vom Individuum, d. h. als eine fremde, göttliche oder teuflische Tätigkeit, auf es wirkt, so ist die Tätigkeit des Arbeiters nicht seine Selbsttätigkeit. Sie gehört einem andren, sie ist der Verlust

E uma outra passagem, agora dos *Grundrisse* (1857-58):

O materialismo grosseiro dos economistas, de considerar como *caraterísticas naturais* [*natürliche Eigenschaften*] das coisas as relações sociais de produção dos homens e as determinações que as coisas recebem, como sendo subsumidas nessas condições, é um grosseiro idealismo, de facto o fetichismo [*Fetischismus*] que atribui às coisas relações sociais como determinações que lhes são imanentes e, assim, as mistifica <sup>14</sup>.

De facto, o âmbito económico já se encontra presente em ambas, numa pelo contexto do trabalho humano e noutra pela urgência de uma crítica à *economia política* <sup>15</sup>.

Porém, na primeira passagem, é difícil descolar a dimensão antropológica que o entendimento acerca de uma *expressão humana*, que se manifesta a partir de um aparente *universal* humano, sempre implica. Isto é, as qualidades humanas em causa inerentes “à perda de si próprio”.

Bem como, na segunda passagem, pode-se surpreender um certo favorecimento do papel da consciência (a dimensão subjetiva) dos economistas no que diz respeito ao tratamento *coisificado* das relações sociais. Entenda-se, é porque deliberadamente os economistas o pretendem “mistificar”, que as relações aparecem coisificadas, isto é, como autónomas e independentes de relações sociais.

Mas nenhuma destas abordagens constitui a teoria acabada de “fetichismo da mercadoria” em Marx. Estas abordagens constituem de facto apenas parte do caminho trilhado pelo autor para a sua definição final.

Aliás, com exceção da alusão aos artigos de juventude, o que todos os outros exemplos

---

seiner selbst.» (MARX, 1844: 514). A toada é semelhante nos excertos em que o autor utiliza a palavra “fetiche” diretamente. Por isso, não acompanhamos Nicolai Lápine (1931-) quando diz o seguinte a propósito dos *Manuskripte*: «[...] é o fetiche principal, o capital, que é posto a nu: disfarçado com a máscara do “trabalho acumulado”, com a respeitabilidade consagrada pela lei e pela religião, é, de facto, o *poder da propriedade privada de governar* que permite à classe dos capitalistas apropriar-se sistematicamente, legalmente, dos produtos do trabalho *alheio*, do trabalho da classe operária.» (LÁPINE, 1976: 240). Clarifique-se, está tudo muito correto como esperamos dar conta, porém, não nos parece que já estivesse assim tão claro em 1844.

<sup>14</sup> «Der grobe Materialismus der Ökonomen, die gesellschaftlichen Produktionsverhältnisse der Menschen und die Bestimmungen, die die Sachen erhalten, als unter diese Verhältnisse subsumiert, als *natürliche Eigenschaften* der Dinge zu betrachten, ist ein ebenso grober Idealismus, ja Fetischismus, der den Dingen gesellschaftliche Beziehungen als ihnen immanente Bestimmungen zuschreibt und sie so mystifiziert.» (MARX, 1857-58: 588).

<sup>15</sup> A *economia política* – conceção económica burguesa – considerava a mercadoria (e pode ser dito que os economistas, no seu seguimento, ainda a consideram) como um *fim em si*, válida para todos os tempos e produto de uma *racionalidade* e *naturalidade* da ordem económica (cf. LÁPINE, 1976: 243-244). Estes economistas reduziam a mercadoria ao *valor*, dependente de uma quantidade do tempo de trabalho. Já vamos ver que é um pouco mais do que isto.

dados têm em comum, é o facto de nenhum deles ter sido preparado para publicação e terem sido todos publicados postumamente. Não obstante, nos seus diversos escritos (mas também nos de Engels), quer antes da sua elaboração mais acabada, quer depois, o “fetichismo” em Marx merece um estudo mais detalhado do que aqui podemos dar conta, principalmente porque o conceito sofre algumas variações, mesmo quando não é diretamente mencionado <sup>16</sup>.

É, pois, em *Das Kapital* que o alemão vai confirmar o âmbito económico da sua definição, a saber dialética, e também a sua dimensão objetiva, de “fetichismo” (pelo menos na esteira de uma crítica da *economia política*) <sup>17</sup>.

Marx começa o seu subcapítulo, sobre o “caráter de fetiche da mercadoria”, por dizer que a mercadoria parece uma coisa evidente, mas, após análise, esta mostra que é cheia de subtilidade metafísica e de extravagâncias teológicas (*metaphysischer Spitzfindigkeit und theologischer Mucken*, cf. MARX, 1867: 85) <sup>18</sup>.

Todavia, afirma que enquanto *valor de uso* (*Gebrauchswert*) nada há de misterioso na mercadoria, visto que esta – como valor de uso – visa a satisfação das necessidades humanas (embora não apenas) a partir de trabalho humano.

Mas logo que o produzido aparece como mercadoria torna-se numa coisa “sensivelmente suprassensível” (*sinnlich übersinnliches Ding*, cf. MARX, 1867: 85), a expressão é do autor. Daí a confirmação de Marx: «De onde brota, pois, o caráter enigmático do produto de trabalho logo que ele assume a forma-mercadoria? Manifestamente, dessa própria

<sup>16</sup> Para uma pista sobre a sua relação com a “teoria da alienação” presente nos *Manuskripte*, cf. FINE; SAAD-FILHO, 1975: 26; e, NETTO, 1981: 37, 59-60; e, para uma perspetiva que aponta no sentido de o “caráter de fetiche da mercadoria” corresponder à expressão científica do que Marx descreveu nos *Manuskripte* como “auto-alienação humana”, cf. KORSCH 1938: 93-94. Registe-se ainda que Marx em *Zur Kritik der Politischen Ökonomie* (1859) já apresentava as proposições de uma conceção de “fetiche da mercadoria”, contudo sem utilizar o termo (cf. NETTO, 1981: 48).

<sup>17</sup> A importância de uma compreensão dialética em Marx tem sido várias vezes destacada pelo filósofo português José Barata-Moura (1948-), por exemplo, no que diz respeito à definição de “fetichismo” em causa, este conceito trata «[...] da compreensão (*materialista e dialética*) de que o real, na sua própria materialidade, contém trabalho humano incorporado, e de que as relações sociais em que se produz têm igualmente caráter material.» (BARATA-MOURA, 2016: 354). Por conseguinte, aqui se exclui qualquer questão relacionada com uma dialética idealista. E, para recuarmos um pouco, a dimensão objetiva tinha sido já destacada por Rubin, na sua obra *A teoria marxista do valor* (*Ocherki po teorii stoimosti Marksa*, 1924: 21-26), por exemplo: «A materialização das relações de produção não surge de “hábitos”, mas da estrutura interna da economia mercantil. O fetichismo é não apenas um fenómeno da consciência social, mas da existência social.» (RUBIN, 1924: 73).

<sup>18</sup> Como já se dava a entender no “prefácio à primeira edição”. Vejamos como autor o sustentava: «Para a sociedade burguesa, porém, a forma-mercadoria [*Warenform*] do produto do trabalho ou a forma-valor da mercadoria é a forma económica celular [*ökonomische Zellenform*]. Ao não instruído a análise desta parece perder-se em meras subtilidades. Trata-se aqui de facto de subtilidades, só que, porém, do mesmo modo que delas se trata na anatomia micrológica.» - «Für die bürgerliche Gesellschaft ist aber die Warenform des Arbeitsprodukts oder die Wertform der Ware die ökonomische Zellenform. Dem Ungebildeten scheint sich ihre Analyse in bloßen Spitzfindigkeiten herumzutreiben. Es handelt sich dabei in der Tat um Spitzfindigkeiten, aber nur so, wie es sich in der mikrologischen Anatomie darum handelt.» (MARX, 1867: 12). O mesmo é dizer, é melhor abordar a questão além do *mediato*.

forma [de mercadoria].»<sup>19</sup>.

Vejam, a igualdade dos diferentes trabalhos humanos adquire então a forma coisificada de uma igual objetividade de valor dos produtos do trabalho, isto é, a medida do dispêndio de força de trabalho (*Arbeitskraft*) humana pela sua duração adquire a forma de valor dos produtos de trabalho (fronteira não ultrapassada pelos economistas políticos). E as relações entre os produtores – confirmando-se as determinações sociais dos seus trabalhos – adquirem a forma de uma “relação social” entre os produtos de trabalho. Quer dizer, a relação material de produção, que é uma relação social, passa a uma relação entre coisas.

Assim, o que se revela como misterioso na mercadoria é o facto de esta refletir para os seres humanos as características sociais dos seus próprios trabalhos como dados coisificados do que foi produzido, «[...] e por isso também a relação social dos produtores para com o trabalho total como uma relação social entre objetos existentes fora deles.»<sup>20</sup>.

Marx concluía (aproveita-se o ensejo para traduzir a epígrafe):

[...] a forma-mercadoria e a relação de valor dos produtos de trabalho em que ela se expõe não têm absolutamente nada a ver com a sua natureza física e com as ligações próprias de coisas [*dingliche*] que daí brotam. É apenas a relação social determinada entre os próprios homens que toma aqui para eles a forma fantasmagórica [*phantasmagorische Form*] de uma relação de coisas. Assim, para encontrarmos uma analogia temos de nos escapar para a região nevoenta do mundo religioso [*Nebelregion der religiösen Welt flüchten*]. Aqui, os produtos da cabeça humana parecem figuras autónomas, dotadas de vida própria e estando em relação entre si próprias e com os homens. O mesmo se passa no mundo das mercadorias com os produtos da mão humana. Chamo a isto fetichismo [*Fetischismus*], que se cola [*anklebt*] aos produtos de trabalho logo que eles são produzidos como mercadorias e que, por isso, é inseparável da produção de mercadorias.

Eis o que Marx, já em fase avançada da sua maturidade teórica, vai definir como “fetichismo”.

O que é produto de trabalho humano – mas por via do tipo de relações sociais de produção em que assenta (para o efeito, capitalistas), aparece enquanto mercadoria (*valor de troca, Tauschwert*) –, vai aparecer aos indivíduos como uma *coisa* e não como a relação social de produção que de facto representa. Daí aparecer como uma relação entre coisas.

<sup>19</sup> «Woher entspringt also der rätselhafte Charakter des Arbeitsprodukts, sobald es Warenform annimmt? Offenbar aus dieser Form selbst.» (MARX, 1867: 86).

<sup>20</sup> «[...] daher auch das gesellschaftliche Verhältnis der Produzenten zur Gesamtarbeit als ein außer ihnen existierendes gesellschaftliches Verhältnis von Gegenständen.» (MARX, 1867: 86).

Tudo isto se deve à entrada na *esfera da circulação* (para troca) e o que está por detrás disto é a universalização da forma mercadoria, esta deixa de aparecer diretamente identificada com o trabalho deste ou daqueles indivíduos. Trata-se, assim, da cisão do trabalho social em trabalho privado, o que desfaz em pedaços (*torn asunder*) a consciência do produtor (cf. STAROSTA, 2016: 155).

Para isto é importante perceber que ao contrário da *economia política* que não vê na forma-mercadoria ou forma-valor senão uma coisa eterna e produto de “leis naturais” do mercado, Marx identifica na sua base o tempo de trabalho social (ao invés de apenas o tempo de trabalho para a produção de um produto) e as relações sociais de produção. Isto é, o autor identifica na sua base a sua representação jurídica como relações de propriedade (dos meios de produção) historicamente determinadas, o que desmascara o valor de troca como uma *representação* dada a relação capitalista de produção.

Não se pode esquecer então que o “fetichismo”, como reflexo do modo de produção capitalista, sustenta-se em alguma coisa que alegadamente escapa ao controlo humano. Porquanto coisificada e independente dos sujeitos, logo recai sobre estes uma espécie de “lei natural” alheia às relações sociais e, por via disto, a impossibilidade de uma real transformação social aparece como um dos efeitos dessa compreensão.

Não é por acaso que se pode surpreender em cada nova forma de aparecer da mercadoria o seu “caráter de fetiche”, quer seja uma nova mercadoria ou uma nova forma. Ao dinheiro, enquanto substituto universal da mercadoria, também se *cola* (melhor, já segue colado) o “fetiche”<sup>21</sup>. Bem como ao capital e à sua transformação em juros<sup>22</sup>. O que acontece porque apesar de tudo isto ser produto de relações sociais de produção (para o caso, dado o modo de

---

<sup>21</sup> Porventura, uma das formas mais deliberadas, embora pouco conscientes do facto, de se celebrar o fetiche do dinheiro (para o efeito, duplo) possa ser encontrada nos dólares estado-unidenses ao sustentarem em si a insígnia: *In God We Trust*.

<sup>22</sup> Marx termina as suas reflexões sobre o “fetichismo” no Livro III de *Das Kapital*, precisamente a propósito do “capital portador de juros”: «No capital portador de juros, a relação de capital alcança a sua forma mais exterior e mais fetichizada [*fetischartig*]. No capital portador de juros, está, por conseguinte, destacado de modo puro este fetiche automático [*automatische Fetisch*]: o valor que se valoriza a si próprio, dinheiro procriando dinheiro, e, nesta forma, ele já não traz mais nenhuma cicatrizes da sua génese. A relação social está completada como relação de uma coisa (do dinheiro) consigo própria.» - «Im zinstragenden Kapital erreicht das Kapitalverhältnis seine äußerlichste und fetischartigste Form. [...] Im zinstragenden Kapital ist daher dieser automatische Fetisch rein herausgearbeitet, der sich selbst verwertende Wert, Geld heckendes Geld, und trägt es in dieser Form keine Narben seiner Entstehung mehr. Das gesellschaftliche Verhältnis ist vollendet als Verhältnis eines Dings, des Geldes, zu sich selbst.» (MARX, 1894: 404-405). Recuperamos, a propósito, uma passagem que vem igualmente do Livro III: «[...] o capital não é nenhuma coisa, mas uma determinada relação social de produção pertencente a uma determinada formação histórica da sociedade, que se expõe numa coisa e dá a essa coisa um carácter social específico.» - «Aber das Kapital ist kein Ding, sondern ein bestimmtes, gesellschaftliches, einer bestimmten historischen Gesellschaftsformation angehöriges Produktionsverhältnis, das sich an einem Ding darstellt und diesem Ding einen spezifischen gesellschaftlichen Charakter gibt.» (MARX, 1894: 822), cf. nota 12.

produção capitalista) é na maior parte das vezes tratado como independente destas <sup>23</sup>.

Ora, se às outras duas definições – antropológica e psicológica – correspondem no fundamento teórico os âmbitos religioso e sexual, aqui, o âmbito económico corresponderá a uma definição dialética (como mencionado anteriormente), o que se compreende por via da sua fundamentação na diversidade de mediações histórico-sociais.

Ainda, no seguimento da passagem acima citada, não se julgue que ao se ler a analogia de Marx com a “região nevoenta do mundo religioso” este autor pretendia recuperar uma mera relação direta com o “fetichismo” de De Brosses, isto é, do que seria *feito* pelo ser humano e logo por este *adorado*. Visto que em Marx não se trata de nenhuma *adoração*, de nenhuma *crença*, portanto, de nenhuma dimensão subjetiva, que *cole* na mercadoria alguma *ideia* (fantástica, imaginária) sobre esta. Ainda vai uma boa distância entre os “produtos da cabeça humana” e os “produtos da mão humana”, pelo menos no que concerne ao aqui comparado.

Em rigor pode-se dizer que a analogia ilustra a inversão que se dá entre a posição do sujeito com a coisa feita, porém, em Marx parte-se fundamentalmente (mas não exclusivamente) do feito, advindo daí o “fetiche” e não por um sujeito que *projete* (ou *substitua*) o objeto <sup>24</sup>. Aqui reside a dimensão objetiva do caráter de “fetiche da mercadoria” – esta, enquanto produto de trabalho humano, não é produto da sua imaginação e encontra-se diretamente ligada às relações de produção que a presidiram.

Se dúvidas houvesse quanto à dimensão objetiva aqui presente, bastaria confrontar as passagens em que Marx crítica as “robinsonadas” (*Robinsonaden*), como lhes chama – tão características da *economia política*, que se definem pelo entendimento que esta faz do indivíduo como isolado –, o que acaba por enfatizar o lado subjetivo em economia, ao passo que Marx não descarta em qualquer momento o caráter histórico e social da questão (cf. MARX, 1867: 90 ss. <sup>25</sup>) <sup>26</sup>.

Marx acaba, estamos convictos, por remeter a sua reflexão para esse termo –

---

<sup>23</sup> Na esteira de Marx podemos encontrar outros exemplos no tratamento “fetichizado” que é feito: do desenvolvimento tecnológico, dos salários, da distribuição, etc., como se estes fossem independentes das relações sociais de produção em que são realizados (cf. MARX, 1867: *passim*). Em igual medida, podemos encontrar um tratamento “fetichizado” no que diz respeito à forma política de democracia, como se a sua forma fosse independente do tipo de relações sociais de produção que a presidem.

<sup>24</sup> Pois também não pode ficar esquecido que o âmbito religioso tem, para Marx, outrossim uma base terrena, objetiva, que o possibilita, dado que este reflete determinadas condições histórico-sociais.

<sup>25</sup> Ao contrário do que dizem grande parte dos críticos do autor, tal consideração não remete para um sujeito “sem poder”, “impessoal”, etc., mas tão-somente para um sujeito que é colocado na sua posição de classe e examinado a partir daí (cf. FINE; SAAD-FILHO, 1975: 26-27).

<sup>26</sup> Aliás, é por considerar historicamente a diversidade de formas económicas que o fetiche pode, de certa maneira, desaparecer, uma vez que este é próprio da organização económica atual e não transversal a todas. Com efeito, a conceção de “fetichismo da mercadoria” constituirá uma “teoria setorial” do capitalismo (cf. NETTO, 1981: 76).

“fetichismo” – porque é possível, como o faz, estabelecer uma analogia entre o que acontece aos produtores e o que acontece aos crentes, embora, num caso, sejam *escravos da sua cabeça*, e, noutro, *das suas mãos*. E, em última instância, porque não se perde a condição de alguma coisa *feita* (aqui produzida materialmente através do trabalho).

Para o alemão, em momento algum se trata de uma simples *substituição* do objeto em causa ou de uma incapacidade para uma melhor *projeção*, ou seja, incapacidade do sujeito; visto que laborar em fetiche é característico de um modo *não dialético* de refletir humano, isto é, naquele tipo de objeto (forma-mercadoria) perde-se a capacidade de compreender a mediação histórico-social <sup>27</sup>.

Assim fechamos a tripla definição para “fetichismo”.

### **Adorno: para a crítica de um equívoco paradigmático**

Se, por um lado, é mais fácil assinalar as omissões de que a definição de “caráter de fetiche” de Marx tem sido alvo (bastaria, como em introdução se deu conta, qualquer breve consulta a um ou outro dicionário), mais difícil é, por outro lado, deslindar os entendimentos equivocados de que é “vítima”. Pois estes têm sido diversos e a maior parte das vezes têm passado despercebidos.

Ainda antes de nos debruçarmos no que entendemos como um equívoco paradigmático, mencionemos brevemente outros dois exemplos. Indica-se assim:

Karl Kühne (1917-1992), que veio a considerar que Marx – a partir da sua definição de “fetichismo” – se queria libertar da materialidade (cf. 1972: 12-13) <sup>28</sup>; e, mais recentemente,

---

<sup>27</sup> Vejamos como Barata-Moura, após descolar a definição de Marx de exemplos de teor religioso (como o caso do “bezerro de ouro”), o confirma: «[...] posto que] o uso marxiano do “feticismo” assenta numa compreensão mais fundamental, desenvolvida, e concreta, do processo: por detrás da imediata autonomização de “coisas” (tornadas eventualmente objeto de veneração), há que surpreender o trabalho de que são obra e, sobremaneira, o sistema de relações sociais de produção (onde, no modo capitalista, a exploração se inscreve), em cujo âmbito determinado elas funcionam (também na sua qualidade de “feitiço”).» (2013: 183). Muito mais haveria a dizer sobre o “caráter de fetiche” em Marx, desde a premência da planificação económica para a superação da irracionalidade das relações capitalistas de produção, entre outras coisas, uma via facilitadora dessa mesma condição “fetichizada”; e daqui o papel do socialismo e de uma maior transparência (*Durchsichtigkeit*) social entre os produtores (cf., por exemplo, MARX, 1867: 93-94), entre outras conexões teórico-práticas; porém, esgota-se o espaço. Para maior aprofundamento, remetemos para as obras referidas na nota 3.

<sup>28</sup> O que é tenazmente rebatido, entre outros autores, por Barata-Moura. Vejamos como o filósofo português o faz tendo em vista outro autor: «Contrariamente àquela sofisticação estilizada do *idealismo* sub-reptício de muitas interpretações (algumas delas gostando de reclamar-se até de um “marxismo autêntico” finalmente revelado à massa dos gentios): [o exemplo dado em nota de rodapé é de Alfred Schmidt (1931-2012), a partir do seu *Der Begriff der Natur in der Lehre von Marx* (1962)] não se trata de todo aqui [no “caráter de fetiche”] de uma dissolução da materialidade das coisas na ação que as fabrica, ou no tecido social de relações que as subentende, [...]» (BARATA-MOURA, 2016: 353). Não descansado, Kühne ainda colou ao “fetichismo da mercadoria”,

William Clare Roberts (1974-), autor que considera que o fundamental da definição de Marx foi ter reequipado a crítica republicana da dominação moderna na situação dos mercados em expansão (cf. 2017: 82)<sup>29</sup>.

Os exemplos podiam continuar, mas somos obrigados a fazer escolhas. Por isso, resolvemos concentrar as nossas atenções naquele que nos parece ocupar o lugar de um equívoco paradigmático, quer dizer: o tipo de entendimento equivocado acerca do que Marx concebeu como “fetiche da mercadoria” prestando-se à confusão com outros âmbitos. O que se tornou célebre e tristemente recorrente.

Para o efeito abordamos um texto que se tornou bastante conhecido, o seu autor é um dos expoentes máximos da chamada *Escola de Frankfurt*, trata-se de Adorno, que muito sugestivamente utilizou em título a expressão “caráter de fetiche” para abordar um tema que lhe era querido – a música<sup>30</sup>.

O texto deste filósofo alemão, publicado em 1938, intitula-se “Sobre o caráter de fetiche na música e a regressão da audição” (*Über den Fetischcharakter in der Musik und die Regression des Hörens*) e visou denunciar as alterações que se registavam na consciência musical dos ouvintes na sociedade capitalista de então (em parte, porventura se possa estender à hodierna).

Adorno pretendia provar que estas alterações estavam em relação direta com a maneira como se produzia música, daí que insistisse na relação entre a música ligeira (*leichte Musik*) e a séria (*ernsten*, igualmente chamada “clássica”), estando os ouvidos a ser *treinados* para a primeira (cf. ADORNO, 1938: 322).

Com as referidas alterações, o autor identifica uma tendência para que os ouvintes cultivem um determinado fator da música em detrimento dos restantes, podendo cultivar exclusivamente a melodia, a voz ou um instrumento (o exemplo é maioritariamente o violino, cf. ADORNO, 1938: 328 ss.). É a isto que Adorno denomina de “fetiche” na música.

---

*mutatis mutandis*, a crítica aristotélica à crematística (cf. KÜHNE, 1972: 12); mas também aqui o filósofo português chama a atenção para o foro moral da questão no grego (cf. BARATA-MOURA, 2013: 181, 183). Marx, em *Das Kapital*, também se refere à crítica de Aristóteles (384-322 a. C.) à crematística, mas nunca para fazer sua análise do grego (cf., por exemplo, MARX, 1867: 167 n.).

<sup>29</sup> O mesmo é dizer, como o autor faz, que o “fetichismo” caracteriza a “impessoalidade” da forma moderna de dominação (*impersonal domination*), isto é, o facto de já não haver uma dominação pessoal como a da servidão, pois agora existe com base na troca (cf. ROBERTS, 2017: 82), apontando ao efeito em vez da causa. Acrescenta ainda que a dominação “impessoal” do mercado é a chave para se compreender o “estruturalismo” ou “determinismo económico” em Marx, o que acaba por reduzir a definição marxista a uma mera “secularização”, bem como transforma o alemão num vulgar determinista (pelo menos por não esclarecer o que se entende por determinismo em escopo dialético).

<sup>30</sup> Para uma comparação mais exaustiva entre o “fetiche” em Adorno e Freud e como o seu sentido falha o de Marx, que, na verdade, era o que Adorno pretendia repercutir à sua maneira, cf. MIOYASAKI, 2002.

O autor procurou conciliar o resultado desta reflexão com o desenvolvimento económico e afastar toda e qualquer conotação psicológica, como se pode observar:

O conceito de fetichismo musical não se pode deduzir por meios puramente psicológicos. O facto de que “valores” sejam consumidos e atraíam os afetos sobre si, sem que as suas qualidades específicas sejam sequer compreendidas ou apreendidas pelo consumidor, constitui uma evidência do seu caráter de mercadoria [*Warencharakters*] <sup>31</sup>.

Conquanto, a partir daqui, Adorno perde-se em observações gradativamente mais psicologistas do que outras. Por exemplo, afirma que o consumidor é quem idolatra (*betet*) o dinheiro que gastou num concerto, reifica (*verdinglicht*) o sucesso por ter gasto dinheiro... (cf. ADORNO, 1938: 331). É o consumidor quem o decide (escolhe).

No fundo, o que Adorno pretende com a sua definição de “fetiche” é identificar o que entende por “mercadorização” da música dado o capitalismo e com isto ensaiar uma aproximação a Marx.

Todavia, o autor parece não perceber a sua efetiva aproximação a Freud e a maneira como se equivoca em relação a Marx. Com efeito, vejamos como Adorno o compreende: «Marx descreve o caráter fetichista da mercadoria como a veneração [*Veneration*] do que é autoproduzido, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca se aliena tanto do produtor como do consumidor, ou seja, do “Homem”.» <sup>32</sup>.

Aqui, Adorno atribui a Marx uma expressão que este nunca utilizou para descrever o “caráter de fetiche”: “veneração” (o que acaba igual e mais precisamente por recuperar a definição de De Brosses).

É porque Adorno entende o valor de troca como um substituto (de certa maneira consciente) do valor de uso (algo que Marx nunca concebe, senão que aquele é uma representação do *valor* dada a sua entrada na *esfera da circulação*) que vai deslizar para um foro mais psicológico. Este autor chega mesmo a dizer: «Todo o processo “psicológico” subsequente depende da substituição [*Substitution*] social: esse prazer não é mais nenhum, mas meramente racionalizado como tal.» <sup>33</sup>.

---

<sup>31</sup> «Der Begriff des musikalischen Fetischismus ist nicht psychologisch herzuleiten. Dass „Werte“ konsumiert werden und Affekte auf sich ziehen, ohne dass ihre spezifischen Qualitäten vom Bewusstsein des Konsumenten überhaupt noch erreicht würden, ist ein später Ausdruck ihres Warencharakters.» (ADORNO, 1938: 330).

<sup>32</sup> «Marx bestimmt den Fetischcharakter der Ware als die Veneration des Selbstgemachten, das als Tauschwert Produzenten und Konsumenten – den „Menschen“ – sich gleichermassen entfremdet [...]» (ADORNO, 1938: 330).

<sup>33</sup> «Von der gesellschaftlichen Substitution hängt alle spätere „psychologische“ ab : dass die Lust gar keine mehr ist, sondern bloss als solche sich rationalisiert.» (ADORNO, 1938: 331).

No seguimento, toda a segunda parte do seu texto vai apresentar uma análise psicológica do que é a regressão auditiva: uma passividade dócil, imitação de padrões previamente dados, etc.

As semelhanças com o “fetichismo” em Freud confirmam-se na medida em que é como se o sujeito tivesse uma pulsão inapropriada, aqui para ouvir “má” música, e estivesse por via de um desejo – umas vezes mais, outras vezes menos, consciente –, levado a escolher a *música ligeira* em detrimento da *séria* (ainda que fosse uma pulsão fabricada por interesses mercantis).

A mercadoria perde deste modo a sua dimensão objetiva, ao invés, passa a ser um produto de desejo, de veneração, do produtor (que também é consumidor).

E não é apenas isso que perde, pois ao se enfatizar a questão de uma “mercadorização” acaba-se por não permitir que se revele toda a questão relativa à mais-valia (*Mehrwert*) – esta, em nosso entender, o essencial do modo de produção capitalista em vez do fetichismo –, visto que a reflexão se perde numa “pulsão” para a compra e a venda, e uma crescente venalidade de tudo quanto existe (o que não quer dizer que esta não se adense com o desenvolvimento do capitalismo, cf. BARATA-MOURA, 2013: 183 ss.). O que pode acabar por desviar a compreensão de um “fetichismo da mercadoria” para um entendimento simplista de que o “dinheiro é a pior coisa do mundo”, de que “tudo gira à volta do dinheiro”, etc., como se a mercadoria, o dinheiro, etc., estivessem desligados das relações sociais vigentes.

Ora, em Adorno, o consumidor quer estar na posse da mercadoria, como sua “idealização”, e não por ser um produto da sua própria mão ou das mãos de outrem e ainda menos pela necessidade que dele pode ter.

Em suma, o encargo da questão passa novamente do objeto (socialmente produzido) para o sujeito, deixa de ser da coisa que advém (ou onde *cola*) o “caráter de fetiche” e passa a ser novamente do sujeito que *projeta* ou busca alguma *substituição* (por via, como nos outros casos, da sua incapacidade pessoal).

Assim, é recuperada a definição psicológica e a sua dimensão subjetiva, acrescentando, no que para efeitos de equívoco diz respeito, a evidente intenção de se reportar a Marx <sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Este é um entendimento equivocado que Adorno repetiria junto com o seu colega Max Horkheimer (1895-1973) na obra conjunta *Dialektik der Aufklärung* (1944). A outro dos seus colegas, Walter Benjamin (1892-1940), também pode ser apontado semelhante equívoco, embora à sua maneira, mais precisamente a partir do seu ensaio *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit* (1936), lançado ainda antes do texto de Adorno (cf. MIOYASAKI, 2002). No limite, poder-se-ia implicar a generalidade da *Teoria Crítica*, uma vez que três dos seus principais teóricos estão implicados, mas não cabe aqui o aprofundamento crítico nesse sentido. Resta-nos levar em consideração a advertência do filósofo Peter Osborne (1958-): «A maioria das pessoas está familiarizada com alguma noção de fetichismo. No entanto, a forma de fetichismo mais comumente representada nas culturas capitalistas (na pornografia, nas revistas de moda e na propaganda) é o fetichismo sexual [*sexual fetishism*]: a

## Conclusão

Chegados à altura de concluir, pode-se avançar que as duas definições de “fetichismo” – a antropológica e a psicológica, ambas de dimensão subjetiva –, não permitem que a definição de Marx – a lembrar, dialética, de dimensão objetiva – possa ser reconhecida enquanto “fetichismo”.

Quer dizer, se o “caráter de fetiche” deve ser averiguado fundamentalmente a partir de uma noção de *projeção* sobre um objeto, quer por via de uma fantasia (deificadora), quer por via de uma pulsão, de um desejo, inapropriado, confirmando uma noção de *substituição* de um objeto primeiro (inerte, etc., ou mais “apropriado”), então, o que se entende por “caráter de fetiche” fecha-se por completo a qualquer outra noção que não derive de compreensões subjetivas.

Ou seja, Marx ficaria de fora (como, aliás, os dicionários citados em parte o comprovam) uma vez que o “fetiche” como ele o revela não parte do sujeito (sem desprimor do papel deste na produção), mas do objeto, embora não de um “objeto em si”, pois de um objeto socialmente concebido e historicamente determinado.

Aquela postura deverá presidir à generalidade dos autores, e dos dicionários, que persistem na omissão da definição marxista de “fetichismo”.

Em oposição, como vimos, existem autores que vão mais longe e, para não deixar Marx de fora, este deve ser lido a partir de uma daquelas definições. Assim, em vez de se considerar que é mais uma definição, suficientemente distinta das outras, que se junta ao conceito e o enriquece, entendem que a definição marxista corresponde a uma derivação direta da de De Brosses, na medida em que se fica pela analogia do que se passa na consciência do crente com

---

fixação do desejo numa determinada parte do corpo, tipo de objeto ou material, como pés, sapatos, pelos ou borracha. Em geral, a conceção psicosssexual freudiana de fetichismo veio a prevalecer, na cultura do capitalismo, com a qual a noção de Marx de fetichismo da mercadoria é muitas vezes confundida. (Isto é, particularmente, o caso de certos tipos de estudos culturais.) Existe uma tendência de assumir que o fetichismo da mercadoria de Marx é também sobre a fixação do desejo, mas sobre um tipo diferente de objeto, a mercadoria: um investimento de desejo na propriedade de mercadorias. Mas isso não é o que a consideração de Marx sobre o caráter fetichista da mercadoria trata.» - «Most people are familiar with some notion of fetishism. However, the form of fetishism most commonly represented in capitalist cultures (in pornography, fashion magazines and advertisements) is sexual fetishism: the fixation of desire on a particular part of the body, type of object or material, such as feet, shoes, fur or rubber. A broadly Freudian, psycho-sexual conception of fetishism has thus come to prevail, in the culture of capitalism, with which Marx's notion of commodity fetishism is often confused. (This is particularly the case in certain kinds of cultural studies.) There is a tendency to assume that Marx's commodity fetishism is also about the fixing of desire, but on a different kind of object, the commodity: an investment of desire in the ownership of commodities. But this is not what Marx's account of the fetish character of the commodity is about.» (OSBORNE, 2006: 11).

o que se passa na consciência do produtor.

Em igual medida, também existem autores que entendem que a definição marxista (a despeito do anacronismo em causa) é derivada da de Freud, ou pelo menos equiparável, na medida em que a mercadoria pode ser alvo de um desejo semelhante ao desejo sexual inapropriado tal como definido pelo psicanalista.

Esta postura à partida preside aos entendimentos equivocados, nos seus mais diversos matizes.

No fundamental, a rotulagem de “fetichismo” na esteira de Marx dá conta de algo profundamente antidialético, o que pode ser compreendido nas suas diferentes derivações como a coisificação (reificação) de alguma coisa que é produto de relações sociais<sup>35</sup>. A abordagem de uma derivação desta definição não se pode fazer por via de uma dimensão primordialmente subjetiva<sup>36</sup>.

Conquanto, Marx pode ter voltado (meio inconscientemente) ao contexto da formação histórica em que o termo se originou – o encontro dos mercadores portugueses com as tribos africanas ocidentais no século XVI. Visto que o “feitiço”, neste sentido, surge para descrever o valor inexplicável que os africanos davam a alguns objetos, o que se trata de um efeito “puramente social”, aparecendo no escopo das mercadorias (cf. OSBORNE, 2006: 19-20).

Na verdade, os objetos *de culto* passavam a pertencer mais à economia do que à religião, mesmo quando os mercadores europeus se viram obrigados a entrar em rituais para poder comerciar. Para estes, o “fetiche” dava cabo do “valor de troca” (cf. PIETZ, 1987: 40, 45).

Claro, o regresso, mesmo que inconsciente (registre-se: não estamos a convocar nenhuma análise psicanalista), ao contexto original, deve ficar por aí – a coincidência do advento da mercadoria e as novas relações com objetos encontradas, e como encontram o seu nexos nas

---

<sup>35</sup> Por exemplo, as estatísticas de fatores sociais, a dívida pública, o Estado, o sistema jurídico, a educação, etc., não como correspondendo todas ao âmbito diretamente económico, mas como podendo ser analisadas do ponto de vista dialético e denunciadas as diferentes fetichizações em causa. Vejamos ainda o caso do Estado, quase sempre compreendido como uma instituição independente de classes e de relações sociais determinadas historicamente. Alguns destes exemplos podem ser considerados como “fetiches” tributários diretos da definição de “caráter de fetiche da mercadoria” (isto é, de âmbito mais económico), não obstante alguns não se ficarem apenas por tal âmbito ou pelo seu sentido em capitalismo, contudo, mantêm o nexos necessário para constar como uma derivação dialética. A definição dialética pode ainda compreender em parte os âmbitos antropológico e psicológico, não os excluindo como estes fazem com esta e, mais diretamente, com o âmbito económico.

<sup>36</sup> Uma abordagem que enfatize o lado subjetivo da questão constituirá, mais propriamente, uma derivação antropológica ou psicológica, quer tenha ou não em conta o âmbito religioso ou sexual. Por exemplo, uma abordagem antropológica de “fetichismo” pode constituir-se apenas por via de uma exteriorização de qualidades humanas a um terceiro elemento (até pode ser aos animais) sem ter por base alguma relação de crença. Bem como uma abordagem psicológica pode constituir-se apenas pela projeção de desejos a um terceiro elemento sem que estes tenham de ser olhados pelo foro sexual, aliás, como de facto se constatou com a questão das mercadorias, no que diz respeito à maneira como Adorno as entende.

relações sociais –, caso contrário coincidiríamos com algum dos entendimentos equivocados que aqui pretendemos expor.

Por fim, apenas duas notas.

A primeira, para dizer que temos preferido adequar os termos conforme o contexto. Preferimos utilizar “feiticismo” (no encalce de Barata-Moura<sup>37</sup>) para nos referirmos à definição de Marx (embora ao longo do presente texto tenhamos optado pelo seu afrancesamento, mas apenas para que melhor se compreendesse a circunscrição e distinção em causa a partir da sua discussão mais tradicional).

Afinal, Marx estava a par da origem do termo e, tirando o afrancesamento, ou seja, a necessidade de se fazer entender mais imediatamente na sociedade do seu tempo, não haveria necessidade de cair em qualquer corruptela linguística.

E, assim, por nossa opção (mas em grande parte pela sua popularização), utilizamos com maior propriedade “fetichismo” para a definição de Freud e as suas derivações psicológicas e sexuais, já que tão facilmente se instalou como senso comum.

Quanto a De Brosses, quando nos temos de referir aos textos em que o autor cunhou o termo, variará consoante o aprofundamento que se fará da questão, porquanto umas vezes poderá ser preferível reportar ao mais comumente aceite ou conhecido e noutras reportar mais à sua origem etimológica ou mesmo utilizar ambos os termos.

A segunda nota – estando em condições de terminar por aqui o presente texto<sup>38</sup> –, serve para recuperar uma última passagem acerca da definição dialética (e, outrossim, materialista) – do “caráter de fetiche da mercadoria” – de Marx:

[O “feiticismo” é] aquela atitude teórica – não isenta de implicações práticas, aliás – que toma e encara a “mercadoria” apenas como “coisa”, quando – na realidade social histórica da sua concrecência (e significância), na própria *materialidade* em que consiste – ela é uma expressão de relações de produção

---

<sup>37</sup> Repare-se que a tradução de *Das Kapital (O Capital)* de Marx de Barata-Moura é a única, que nós conheçamos, que traduz o termo “Fetischismus” para “feiticismo”.

<sup>38</sup> No entanto, a investigação não cruza os braços por aqui, vários são os autores atuais, ou um pouco menos atuais, que podem ter velado nos seus escritos alguma manifestação de “feiticismo” tal como foi definido por Marx. Por exemplo, vejamos como John Rawls (1921-2002) concebeu metaforicamente – com vista a propiciar situações de maior justiça social – o que chamou de “véu da ignorância” (*veil of ignorance*), tratando-se de uma experiência em que os sujeitos renunciam como numa “posição original” (*original position*) ao que conhecem dos restantes concidadãos para decidir como agir, como distribuir, etc. (cf. RAWLS, 1971: 118-123). O que de caras, se assim se pode dizer, descuro por completo as relações sociais de produção (a propriedade em causa, etc.) e a sua determinação histórica, deixando a cada sujeito a *coisa* destituída dos seus fundamentos, ou seja, independente das suas mediações. Esta é uma conceção que se centra no sujeito (entre outras coisas, por via do seu fundamento “contratualista”), e parece cair em cheio como alvo da crítica de Marx, mas neste caso não sendo o sujeito a *colar* o “feitiço”, mas uma forma de se aceitar o “feitiço” que já vem *colado* nas coisas, nos objetos.

determinadas entre pessoas. (BARATA-MOURA, 2016: 352).

Enfim, o desvendamento do fetiche a partir de Marx apenas pode garantir (quando o consegue) a sua dissolução no plano teórico. No que à prática (revolucionária) dirá respeito – à transformação da sociedade –, há todo um caminho partilhado a percorrer<sup>39</sup>.

### Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. Über den Fetschcharakter in der Musik und die Regression des Hörens. Horkheimer. HORKHEIMER, Max (Herausgegeben von). **Zeitschrift für Sozialforschung**. 7, München: Deutscher Taschenbuch Verlag GmbH & Co. KG, 1980 [1938] (nachdruck); pp. 321-356.

\_\_\_\_\_. HORKHEIMER, Max. **Dialektik der Aufklärung**. Philosophische Fragmente. 16. Auflage. Frankfurt am Main: S. Fischer Verlag GmbH, 2006 [1944].

ANTUNES, Jadir. **Marx e o Fetiche da Mercadoria**: Contribuição à crítica da Metafísica. Jundiaí, São Paulo: Paco Editorial, 2018.

BARATA-MOURA, José. **Filosofia em O Capital**. Uma Aproximação. Lisboa: Edições «Avante!», 2013.

\_\_\_\_\_. **Ontologia e Política**. Estudos em torno de Marx – II. Lisboa: Edições «Avante!», 2016.

\_\_\_\_\_. Que entende Marx por “economia ideológica”? Um apontamento. Comunicação em **Colóquio Marx: as misérias da filosofia**, 28 e 29 de novembro de 2017, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Texto em *Revista philosophy@lisbon*, n.º 8, Lisboa-CFUL, 2018, pp. 7-41. ISSN 2182-4371, [http://www.philosophyatlisbon.org/userfiles/file/n\\_8/02Barata-Moura.pdf](http://www.philosophyatlisbon.org/userfiles/file/n_8/02Barata-Moura.pdf).

BENJAMIN, Walter. Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit. **Drei Studien zur Kunstsoziologie**. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1963 [1936]; pp. 7–63.

BÖHME, Hartmut. **Fetishism and Culture**. A Different Theory of Modernity [Fetischismus und Kultur]. Translated by Anna Galt. Berlin-Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2014 [2006].

BROSSES, Charles De. **Du Culte des Dieux Fétiches**, ou Parallèle de l’ancienne Religion de l’Egypte avec la Religion actuelle de Nigritie. Paris: Fayard, 1988 [1760].

COHEN, Gerald A. **Karl Marx’s Theory of History**. A Defence. Expanded edition. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2000 [1978].

**Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. “Fetichismo”. Lisboa: Temas e Debates, 2005;

---

<sup>39</sup> «É neste terreno [o das relações mercantis que aparecem como relações entre objetos] que aparece o fetichismo do comércio, e ele não desaparece pelo facto de o pensamento científico ter revelado a sua natureza. Só pode ser destruído se a produção capitalista mercantil for destruída» (LÁPINE, 1976: 327).

vol. IX.

**Dicionário Online de Português.** “Fetichismo”. <https://www.dicio.com.br/feiticismo/>, 2009-2018 [consulta em: 02 de fevereiro de 2018].

**Dicionário Priberam da Língua Portuguesa.** “Fetichismo”, [em linha]. <https://www.priberam.pt/dlpo/fetichismo>, 2008-2013 [consulta em: 02 de fevereiro de 2018].

FEUERBACH, Ludwig. **Das Wesen des Christentums**. Stuttgart: Reclam, 1994 [1841].

FINE, Ben; SAAD-FILHO, Alfredo. **Marx’s Capital**. Sixth edition. London: Pluto Press, 2016 [1975].

FREUD, Sigmund. Ungeeigneter Ersatz de sexual-objektes – Fetischismus. *Gesammelte Werke. Chronologisch geordnet*. 4. Aufl. London: Imago Publishing Co., 1968 [1905]; vol. V, pp. 52-54.

HADDON, Alfred C. **Magic and Fetishism**. London: Archibald Constable & Co Ltd., 1906.

HEGEL, Georg W. F. Vorlesungen über die Philosophie der Geschichte. **Werke**: [in 20 Bänden] / Georg Wilhelm Friedrich Hegel. Auf d. Grundlage d. Werke von 1832-1845. 2. Aufl. Frankfurt am Main: Suhrkamp, 1989 [1837]; vol. 12.

IACONO, Alfonso Maurizio. **Le fétichisme**. Histoire d’un concept. Paris: Presses Universitaires de France, 1992.

KORSCH, Karl. **Karl Marx**. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill NV, 2016 [1938].

KÜHNE, Karl. **Economics and Marxism**. Volume I: The Renaissance of the Marxian System [Ökonomie und Marxismus]. Translated by Robert Shaw. London and Basingstoke: The Macmillan Press Ltd. 1979 [1972].

LÁPINE, Nicolai. **O Jovem Marx** [Молодой Маркс]. Tradução de Zeferino Coelho. Lisboa: Editorial Caminho, 1983 [1976].

LUKÁCS, György. Geschichte und Klassenbewußtsein. **Georg Lukács Werke**. Frühschriften II. 2. Auflage. Darmstadt: Hermann Luchterhand Verlag GmbH & Co. KG, 1977 [1923]; band 2, pp. 161-517.

MARX, Karl. Ökonomisch-philosophische Manuskripte aus dem Jahre 1844. **Marx-Engels Werke** (doravante: MEW). Berlin: Dietz Verlag, 1968 [1844]; vol. 40, pp. 465-588.

\_\_\_\_\_. **Misère de la philosophie**: réponse à la Philosophie de la misère de M. Proudhon (Proudhon, P.-J. *Système des contradictions économiques ou Philosophie de la Misère*, 1846 - Extraits). Paris: Union Générale d’Éditions, 1964 [1847].

\_\_\_\_\_. Grundrisse der Kritik der politischen Ökonomie. **MEW**. 1983 [1857-58]; vol. 42.

\_\_\_\_\_. Zur Kritik der Politischen Ökonomie. **MEW**. 1961 [1859]; vol. 13, pp. 3-160.

\_\_\_\_\_. Theorien über den Mehrwert (Vierter Band des „Kapitals“). **MEW**. 1965 [1862-63]; vol. 26-1.

\_\_\_\_\_. Das Kapital. Kritik der politischen Ökonomie. **MEW**. 1962 [1867]; vol. 23 (O Capital. Crítica da Economia Política. Tradução de José Barata-Moura. Moscovo-Lisboa: Edições Progresso-Edições «Avante!», 1990; livro I, tomo 1).

\_\_\_\_\_. Das Kapital: Kritik der politischen Ökonomie. **MEW**. 1964 [1894]; vol. 25, III (O Capital. Crítica da Economia Política. Tradução de José Barata-Moura. Lisboa: Edições «Avante!», 2016; livro III, tomo 2).

MILIOS, John; DIMOULIS, Dimitri; ECONOMAKIS; George. **Karl Marx and the Classics**. An Essay on Value, Crises and the Capitalist Mode of Production. Burlington, USA: Ashgate Publishing Limited, 2002.

MIOYASAKI, Donovan. The confusion of Marxian and Freudian fetishism in Adorno and Benjamin. **Philosophy Today**. 46, 4, DePaul University, 2002, pp. 429-443.

NETTO, José Paulo. **Capitalismo e Reificação**. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1981.

OSBORNE, Peter. **How to Read Marx**. New York, London: W. W. Norton & Company, 2006.

PIETZ, William. The Problem of the Fetish, I. **Anthropology and Aesthetics**. No. 9 (Spring), 1985, pp. 5-17.

\_\_\_\_\_. The Problem of the Fetish, II: The Origin of the Fetish. **Anthropology and Aesthetics**. No. 13 (Spring), 1987, pp. 23-45.

RAWLS, John. **A Theory of Justice**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 1999 [1971].

RATTRAY, Robert Sutherland. **Ashanti**. New York: Negro Universities Press, 1969 [1923].

ROBERTS, William Clare. **Marx's Inferno. The Political Theory of Capital**. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 2017.

RUBIN, Isaak Illich. **A teoria marxista do valor** [Ocherki po teorii stoimosti Marksa]. Tradução de José Bonifácio de S. Amaral Filho. São Paulo: Editora Polis, 1987 [1924].

STAROSTA, Guido. **Marx's Capital, Method and Revolutionary Subjectivity**. Leiden, The Netherlands: Koninklijke Brill nv., 2016.